

LORDE, AUDRE. *IRMÃ OUTSIDER: ENSAIOS E CONFERÊNCIAS*. 1. ED. 1 REIMP. BELO HORIZONTE: AUTÊNTICA, 2020. TRADUÇÃO DE STEPHANIE BORGES.

Antonielee Luciano¹

Apesar de ter levado 35 anos para chegar ao Brasil, *Irmã Outsider*, considerada a obra mais importante da feminista negra estadunidense Audre Lorde, o fez carregada de potência no final de 2019. A tradução, um trabalho da tradutora, jornalista e poeta Stephanie Borges, apresenta para leitores do português 15 ensaios e conferências que reúnem os pilares centrais da teoria apresentada por Lorde, ainda que ela não se intitulasse como teórica, mas poeta. Tal definição é discutida ainda na introdução do livro, escrita em 1983 por Nancy K. Bereano e mantida na edição brasileira, lançada pela Editora Autêntica. O prefácio de Cheryl Clarke, incluído na edição americana de 2007, também permaneceu. No Brasil, a obra ganhou ainda a quarta capa assinada pela filósofa Djamila Ribeiro,

1 Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

uma escolha que, assim como a da tradutora, coloca as mulheres negras como protagonistas dessa edição.

Trata-se da primeira obra de Lorde a ser traduzida no Brasil e que soma muito aos estudos feministas e da diáspora africana ao lançar reflexões sobre aspectos do cotidiano que perpassam a vida de mulheres negras, lésbicas, mães e escritoras. Todas são identidades que entrecruzam, cada uma a seu modo, a existência da própria autora, apresentada como intelectual negra, mulher que também produz epistemologias e desafia os estereótipos atribuídos a ela e suas irmãs, por mais difícil que seja esse movimento dentro e fora da academia. Como pontua bell hooks (1995), o trabalho intelectual entre mulheres negras leva esses sujeitos a enfrentarem confrontos com realidades distintas e, por muitas vezes, duras, como a lembrança de que ainda há dominação e opressão sob seu povo e um certo isolamento dentro da própria comunidade. No entanto,

Quando o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e política radical, quando esse trabalho é dirigido para as necessidades das pessoas, nos põe numa solidariedade e comunidade maiores, enaltece fundamentalmente a vida. (HOOKS, 1995, p. 477)

Nesse contexto, a voz de Lorde é afiada em suas considerações. Disposta a encarar seus medos, a escritora oferece, ao mesmo tempo, conforto e uma di-

reção a ser seguida. Ela aponta o caminho do autocuidado para as mulheres negras, do poder do erótico enquanto sentimento e energia criativa, da poesia como algo inerente à sobrevivência das mulheres, muito além do luxo, e, sobretudo, da linguagem como ação. Atemporais, suas palavras são incisivas, mas também amplificadoras do que entendemos hoje sobre feminismo. Mulheres brancas e negras, ainda que compartilhem o fato de serem mulheres, não vivem as mesmas opressões, pois “para além da irmandade, ainda existe o racismo” (LORDE, 2020, p. 89). Homens negros, por sua vez, não deveriam ver mulheres negras, lésbicas ou não, como inimigas, uma vez que, como descreve a autora:

O avanço das mulheres negras que se definem sobre suas próprias condições, prontas para explorar e buscar o nosso poder e os nossos interesses dentro das nossas comunidades, é um componente vital na guerra pela libertação dos negros. (LORDE, 2020, p. 58)

Conforme Lorde, é preciso compreender que a hostilidade contra homens negros não nasce no sujeito mulher-negra, mas no sistema que ameaça ambos e que, tantas décadas depois desses escritos, ainda continua remunerando menos as mulheres negras no mercado de trabalho, apenas para citarmos uma das diferenças que pairam sobre a existência de mulheres negras. Isso ainda faz muito sentido em terras brasileiras – são mazelas que os movimentos de embran-

quecimento da população, por meio da miscigenação, e falsa democracia (MUNANGA, 2004) não conseguiram esconder.

A partir de uma prosa direta, cuja tradução nos remete ao tom de uma conversa com alguém muito próximo - como uma irmã com quem se compartilha semelhanças - a escritora ainda conclama as mulheres negras a se juntarem, a se verem sem suspeitas e raiva. Esse sentimento, observa Lorde, é desencadeado ainda nos primeiros anos de vida, fruto de uma sociedade que despreza tudo o que é negro. No entanto, mesmo tendo crescido metabolizando tanto ódio, ainda é possível que essas irmãs estabeleçam apoio mútuo.

Somos africanas e sabemos, pela narrativa do nosso sangue, da ternura com a qual nossas ancestrais se abraçavam. E é essa conexão que buscamos. Temos as histórias das mulheres negras que curaram as batalhas umas das outras, araram a terra uma das outras e facilitaram as passagens umas das outras à vida e à morte. (LORDE, 2020, p. 192)

Mesmo não se tratando de poesia, as palavras da escritora carregam uma estética que emociona quando ela narra episódios e percepções sobre a própria vida, como em “Olho no Olho: mulheres negras, ódio e raiva”, mas também podem soar como uma imploração do que os patriarcas brancos as ensinaram ao longo dos séculos. As lições sobre inferioridade e cul-

pa na sociedade – tudo isso é exposto por Lorde, que vê na poesia a ferramenta para nomear o que ainda não existe, o que ainda é sonho. Por isso, o encorajamento de suas irmãs a praticarem a heresia sugerida por seus sonhos. A escritora é enfática: “não se deve renunciar à poesia. [...] nossos poemas articulam as implicações de nós mesmas, o que sentimos internamente e ousamos trazer à realidade” (LORDE, 2020, p. 49).

Na esteira das formas de resistência abordadas por Lorde, faz-se importante pontuar o quanto o trabalho de Stephanie Borges ajuda a amplificar o alcance da voz da autora presente em textos produzidos, em sua maioria, nos dois anos que se seguiram após o diagnóstico de câncer recebido por ela. Com o esforço coletivo envolvido para sua publicação e distribuição, tem-se, então, a nova circulação do texto - fruto que alimenta, renova e oferece sobrevida às palavras da poeta, como se espera que faça uma tradução num contexto de relações de poder como o que vivemos (BLUME; PETERLE, 2013).

A tradução, aqui, pode ser compreendida não somente como um texto, mas também um ato, uma vez que sua função é tão importante quanto o produto (TYMOCZKO, 2010). Nesse ativismo, a tradutora atua como um agente ético da mudança social e nos entrega um texto que não deixa de representar, também sua própria força locutória, ilocutória e perlocutória, determinada por fatores do contexto de chegada. Não

há tradução sem ligação com questões ideológicas, como salienta Tymoczko (2013):

[...] a ideologia de uma tradução não reside simplesmente no texto traduzido, mas no modo de expressão e na postura do(a) tradutor(a), bem como na relevância dessa tradução para seu público. Esses últimos aspectos são influenciados pelo lugar de enunciação do tradutor: de fato eles são parte do que chamamos de “lugar” de enunciação, pois aquele “lugar” é uma posição ideológica, bem como uma posição temporal e geográfica. Tais aspectos da tradução são motivados e determinados pelas afiliações culturais e ideológicas do tradutor(a), assim como ou ainda mais motivados pela localização espacial e temporal de onde ele (ela) fala. (TYMOCZKO, 2013, p. 118)

Assim, no exercício engajado de trazer para o Brasil o testemunho de uma mulher fora da *norma mítica*, a tradutora lança mão de notas de rodapé como estratégias textuais para situar o leitor sobre contextos importantes para o entendimento da obra. Tal recurso gera um aporte a mais para o leitor brasileiro sobre tratamentos usados entre negros nos Estados Unidos, como o termo *brother/sister*, aspectos históricos presentes nos ensaios de Lorde, como explicações sobre o Reino de Daomé, na África Ocidental, ou, ainda, sobre orixás, divindades e ancestrais referenciados no *vodum* e *candomblé* brasileiro, entre outros assuntos.

Se o intuito da edição brasileira foi construir um espaço de divulgação de uma epistemologia criada por uma feminista negra, como uma forma de pensa-

mento afrodiaspórico e buscar meios de colocar em evidência traços da origem povo negro e articulações sobre seu modo de vida - passado e presente muitas vezes apagados da história – constitui-se como um meio importante para descolonizar práticas de tradução. Não é só o estético que está em jogo, mas o político também, como sustenta a pesquisadora Denise Carrascosa (2016):

A tradução, portanto, desponta no Atlântico Negro como tarefa política no sentido spivakiano de trabalho forte com a linguagem como agente produtor de identidade, subalternidade e, ao mesmo tempo, em sua dimensão retórica, como potencial fator gerador de disseminação subversiva. (CARRASCOSA, 2016, p. 66)

Nesse sentido, entre o estético e o político, a tradução de Borges pode ganhar status de “feitiçaria” (SANTANA, 2018), porque atua com o acesso a epistemologias vindas de camadas legadas até então à invisibilidade, caso das identidades às quais pertence nossa autora. Numa tradução negra, há a imbricação com o conceito de Negritude de Aimé Césaire (2010), de “viver a história dentro da história.” (CÉSAIRE, 2010, p. 108 apud SANTANA, 2018, p.7). E é isso que Borges, também poeta negra, faz ao trazer para o âmbito da língua portuguesa as subjetividades de grupos historicamente alijados da própria cultura e que receberam por muito tempo um selo de incapacidade de produzirem teorias: “[...] a ideia de uma tradução

negra no Brasil deve considerar as chaves de pensamento historicamente afastadas da possibilidade de existir, simetricamente, em relação às cosmovisões hegemônicas” (SANTANA, 2018, p. 6).

Ademais, o fato de se ter uma tradutora negra desempenhando esse papel também mostra o quanto a tradução de intelectuais negras e negros demanda muito mais do que eloquência retórica ou acuidade técnica, como analisa Guellwar Adún (2017). Essas traduções solicitam “uma escrevivência – conceito formulado por nossa baobá, Conceição Evaristo. Demandam um olhar de raio aberto e um adequar-se ao ritmo proposto, atento às claves negro-diaspóricas” (ADUN, 2017 apud SANTANA, 2018, p. 10).

Dessa maneira, pode-se dizer que, Borges apresenta os atributos necessários para uma tradução negra. Arriscamo-nos a dizer que, no exercício político e intelectual de seu traduzir, a tradutora se reconhece nos textos de Lorde, como quem tem não só um horizonte outro diante de si, mas também um espelho (VIEIRA, 2010). Nas palavras de Borges,

traduzir Audre Lorde foi um aprendizado como poeta, feminista e intelectual. Foi um processo de aceitar as minhas vulnerabilidades para que suas palavras chegassem a outras que, como eu, um dia, precisam delas e ainda nem sabem. (BORGES, 2019)

Necessário salientar ainda o papel da mulher negra enquanto tradutora em um mercado editorial cuja

presença de tradutores - e escritores - brancos é predominante (GABRIEL; BARBOSA, 2020). A despeito de todos os estereótipos que envolvem esse contexto, seja envolvendo intelectuais negras, formas de traduzir e o atraso de décadas em trazer as palavras de Lorde ao Brasil, Borges faz a ponte para que a linguagem dessa irmã que ocupou múltiplos lugares de fala possa ser transformada em ação, evitando, assim, o silêncio, coisa que a própria Lorde não aprovaria, porque, como antecipou a própria poeta estadunidense sobre tiranias engolidas todos os dias, “meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você” (LORDE, 2020, p. 52).

Que mais mulheres negras possam erguer suas vozes e ser, por meio da escrita ou da tradução, ponte de conhecimento, intercâmbio de ideias e afeto também.

Referências

ADÚN, Guellwar. Nota do Editor. In: CARRASCOSA, Denise (Org.). **Traduzindo no Atlântico Negro**: Cartas Náuticas afrodiáspóricas para Travessias Literárias. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2017.

BLUME, Rosvitha; PETERLE, Patrícia. Tradução e relações de poder: algumas reflexões introdutórias. In: BLUME, Rosvitha; PETERLE, Patrícia. (Org.). **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Copiart, 2013.

BORGES, Stephanie. Stephanie Borges fala do esforço de traduzir Audre Lorde. **Suplemento Pernambuco**, agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.suplementopernambuco.com.br/edições-anteriores/67-bastidores/2315-stephania-borges-fala-sobre-o-esforço-de-traduzir-audre-lorde.html>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

CARRASCOSA, Denise. Traduzindo no Atlântico Negro: por uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas afrodiáspóricas. In: **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, p. 63-71. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115270>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

CÉSAIRE, Aimé. **O discurso sobre a negritude**. Paris: Présence Africaine, 2010.

GABRIEL, Ruan de Sousa; BARBOSA, David. Em 2020, mercado editorial viveu “boom” de autores negros, mas ainda falta diversificar cadeia de produção do livro. **O Globo**, 25 de dezembro de 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/em-2020-mercado-editorial-viveu-boom-de-autores-negros-mas-ainda-falta-diversificar-cadeia-de-producao-do-livro-24811565>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. Tradução de Marcos Santarrita. In: **Revista Estudos Feministas**, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>> Acesso em: 10 jan. 2021.

LORDE, Audre. **Sister Outsider**: Essays and Speeches. Berkeley: The Crossing Press, 2007.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: Ensaios e Conferências. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. São Paulo: Autêntica, 2004.

SANTANA, Tiganá. Breves considerações sobre o traduzir negro ou tradução como feitiçaria. **Revista Landa**. vol. 7, nº1, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/id/ebf57f17-4593-4dc0-abe4-1d3212e-4bf95/1.%20TIGANA%20-%20LISTO.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

TYMOCZKO, Maria. Ideologia e a posição do tradutor: em que sentido o tradutor se situa no “entre” (lugar)? In: BLUME, Rosvitha; PETERLE, Patrícia. (Org.) **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Copiart, 2013.

TYMOCZKO, Maria. The Space and Time of Activist Translation. In: TYMOCZKO, Maria. **Translation, Resistance, Activism**. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2010. p. 227 – 254.

VIEIRA, Else. Growing Agency: The Labors of Political Translation In: TYMOCZKO, Maria. **Translation, Resistance, Activism**. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2010, p. 211-226.